

AO MESTRE, COM CARINHO

Sérgio Buarque de Holanda se foi. O brilhante ensaísta de Raízes do Brasil, o arguto crítico de Cobra de vidro, o grande historiador de Visão do Paraíso partiu, mas deixou vasta obra que, felizmente, ainda em vida, foi reconhecida e elogiada por todos aqueles que constituíram ou constituem a elite pensante do país.

Nem seria por menos. Como diz Antônio Cândido em publicação da União Brasileira de Escritores, nele estão sempre presentes o crítico, o pensador, o erudito, "compondo a mais completa organização de historiador que o Brasil conhece; capaz de modular os temas e circular pelos territórios mais variados, demonstrando em cada um deles conhecimento de especialista..."

Realmente, embora passeasse com desenvoltura e competência ímpares pelos terrenos da crítica literária, era como historiador que ele gostava de se ver e definir.

Entretanto, não é do historiador que se quer falar neste momento e sim do mestre: do inspirador de jovens, do deflagrador de vocações, do orientador amigo que iniciou nos caminhos da História muitas gerações estudantis e foi além - ensinou-lhes ética e dignidade. ^{também} Sua presença na Universidade de São Paulo enobreceu os quadros daquela instituição.

Não foi um expositor metódico, preso a esquemas rigidamente traçados. Não. Se alguém em aula lhe perguntasse algo relativo ao período colonial da História do Brasil, provavelmente ouviria uma resposta que alongaria o tema até a época republicana. E o contrário também poderia ocorrer.

Mas era justamente esse extravasamento que demonstrava - a quem o soubesse e quisesse ver - a vastidão do seu saber. O conhecimento fluía incontrolável e apontava aos jovens algo de mais profundo: que o saber é conquista do trabalho e ao gênio não basta o talento. Por trás de tão notável erudição escondia-se o leitor incansável, aquele que Onestaldo de Pennafort ao reviver o Rio de Janeiro dos anos 20 retrata, sempre a sobraçar muitas brochuras, das quais habitualmente emergia um Proust, "quando não era um Rilke que ele adorava..... A sua fome e a sua sede de leitura eram inaudi-

tas, daí a sua prodigiosa informação, daí a cultura...."

Historiador que era, valorizava a pesquisa, buscando incutir nos alunos o amor às fontes, sem as quais, apenas se fica a repetir o que já foi dito.

Temia, sobretudo, o desvio da perspectiva histórica em que poderiam incorrer. Isto ganha mais força quando se pensa que alguns mais afoitos, seduzidos pelos atraentes modelos e construções tipológicas das ciências sociais, na ambição de redesenhar os grandes conjuntos e processos, seriam levados a abstrações e a concessões em matéria de terminologia, métodos e conceitos que nada têm a ver com a História.

A todos os que, primeiro discípulos, depois o auxiliaram na docência da disciplina de que era titular, soube incutir tal cuidado.

Quem não o conhecesse, poderia acusá-lo de distração mas como dizia Vinícius de Moraes, era um falso distraído: nada lhe escapava dos fatos e pessoas que o interessassem.

Na Universidade, não fazia discursos sobre a democracia - que este não era o seu feitiço - mas viveu-a na informalidade do trato com os alunos, na absoluta ausência de pose que era um dos traços encantadores da sua personalidade. Respeitava-os, sempre pronto a esclarecer-lhes as dúvidas, a sugerir-lhes temas de pesquisa, a indicar-lhes livros e a emprestá-los também.

Generoso, não fazia concessões quando se tratava de competência, jamais misturando política e saber. Se dispunha de oportunidades, oferecia-as igualmente a todos, como ocorreu quando buscou colaboradores para a História Geral da Civilização Brasileira que coordenou durante largo tempo. Bastava-lhe serem especialistas no assunto a ser desenvolvido, que nele se tivessem aprofundado...

E quando foi preciso, soube protestar com vigor contra o autoritarismo, aposentando-se de um cargo a que tantos se aferram, em solidariedade aos colegas atingidos pelas cassações oficiais.

Foi um mestre, portanto. À Universidade, legou a honra de lhe ter pertencido um dia. Aos alunos, um rico exemplo a ser seguido. A todos que o conheceram e com ele conviveram, uma enorme saudade.